

VESTINDO O ESCRAVISMO: OS TÊXTEIS IMPORTADOS NAS SOCIEDADES DA ÁFRICA CENTRO-OCIDENTAL (SÉCULOS XVII-XVIII)

DRESSED IN SLAVERY: TEXTILES IMPORTED INTO THE SOCIETIES OF WEST-CENTRAL AFRICA (17th-18th CENTURIES)

FABRÍCIO LEAL NOVAES*

Resumo: O presente texto é fruto de uma pesquisa de iniciação científica em curso, que propõe-se a estudar o maior número de informações sobre o uso dos têxteis importados entre os africanos e os luso-africanos, nas sociedades Banto, relacionado ao comércio escravista entre os séculos XVII e XVIII. Levando em consideração, a presença e a valoração de têxteis usados pelos comerciantes, tanto africanos, quanto europeus, nessas transações comerciais como moeda de troca, e também os simbolismos e os ritos que envolviam a utilização de tais têxteis pelos centro-africanos, sendo consultadas para tanto como fontes as obras de cronistas, o missionário italiano Cavazzi e o militar português Cadornega, além dos documentos coletados pelo padre António Brásio. Junto a obras de referência no assunto.

Palavras-chave: Tecidos, comércio, escravidão.

Abstract: The present text is the result of an ongoing research of initiation research, which aims to study the greatest number of information on the use of imported textiles among Africans and Luso-Africans, in the Banto societies, related to the slave trade between the seventeenth and eighteenth centuries. Taking into account the presence and valuation of textiles used by traders, both African and European, in these trade transactions as a bargaining chip, as well as the symbolism and rites that involved the use of such textiles by Central Africans, being consulted as sources the works of chroniclers, the Italian missionary Cavazzi and the Portuguese military Cadornega, and also the documents collected by the priest António Brásio. Along with works of reference in the subject.

Keywords: Fabrics, Trade, Slavery.

Artigo recebido em 26 de março de 2018 e aprovado para publicação em 30 de abril de 2018.

* Graduando em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq. (Email: fabricioleal2011@gmail.com).

A comercialização de têxteis no continente africano já é bem antiga. O historiador Robert DuPlessis¹, tratando especificamente da África Ocidental, destaca que desde a Idade Média já havia ali um comércio de panos importados que vinham por rotas terrestres desde o norte do continente africano. Sendo assim, quando os têxteis se popularizaram a ponto de se tornarem mercadorias globais na Idade Moderna, já encontraram na África Ocidental uma cultura material vibrante e consolidada há muito tempo.

Uma movimentação comercial mais intensa de têxteis na África se dá no final do século XV e é promovida por agentes privados. Portugal se estabeleceu em Marrocos e na região costeira da África Ocidental por volta de 1480, implantando uma série de postos comerciais em locais estratégicos, estrutura que foi de suma importância para a estabilidade econômica e prestígio dessa monarquia, sobretudo por fornecer ouro, escravos e produtos florestais. Os portugueses utilizaram uma série de bens comerciais para assegurar o comércio que realizavam com a África Ocidental; os navios que se dirigiam às feitorias levavam muitas mercadorias, porém, as que mais se destacavam eram o cobre e os tecidos. Segundo documentos estudados pelo historiador John Vogt², os portugueses introduziram na conexão Marrocos–África Ocidental, pelo menos, 102 tipos de têxteis, sendo a maioria de origem externa a Portugal e seu império. Entre as principais regiões fornecedoras de tecido para o comércio português com a África estavam Flandres e Antuérpia, além da Inglaterra e fornecedores na própria África de vestimentas muçulmanas. Já os tecidos mais negociados por Portugal na costa africana eram lençóis, tecidos de lã, chamados panos de Holanda e o Cânhamo, tecido áspero produzido a partir de árvore de mesmo nome; Vogt³ cita ainda os nomes de diversos outros. Com a crescente demanda por tecidos na África, a coroa portuguesa foi obrigada a enviar agentes especiais para procurar tecidos europeus populares, realizando a compra de tecidos nos locais mais diversos e vantajosos.

O que explica esse grande comércio de tecidos importados na África era o crescente comércio de pessoas escravizadas, pois os panos eram a principal mercadoria trocada por cativos na maior parte dos mercados africanos. “O tecido funcionava como uma forma de moeda útil para todos, relativamente durável, facilmente subdividida em pequenas unidades e

¹DUPLESSIS, Robert. Mercadorias globais, consumidores locais: têxteis no mundo atlântico nos séculos XVII e XVIII. *Afro-Ásia*, Salvador, v. 41, 2010, p. 42.

²VOGT, John. Notes on the Portuguese Cloth Trade in West Africa, 1480-1540. *The International Journal of African Historical Studies*, Boston, v. 8, 1975, p. 625.

³VOGT, op .cit, p. 625.

que poderia ser transportada para atender às necessidades de negociantes longínquos”⁴. E ainda, Telma Gonçalves Santos, traz que:

Os tecidos, enquanto objeto-moeda, espalharam-se pelas comunidades africanas agrícolas, pesqueiras, extrativistas, pelos soldados a serviço da Coroa e demais agentes da governação, passando a ser apropriados e ressignificados na cultura material destas comunidades.⁵

Braudel também discute os diferentes tipos de moedas utilizados no comércio de escravizados na África, sobre os tecidos importados da Índia, em específico a Chita, o mesmo destaca que: “fala-se de uma ‘peça da Índia’, no tráfico negreiro, para designar a quantidade de chitas que representa o preço de um homem, depois o próprio homem. A ‘peça da Índia’, é o mesmo que um escravo entre 15 e 40 anos, dirão logo os entendidos”⁶.

No comércio de escravizados, os tecidos importados integravam os banzos⁷ e incentivaram o surgimento dos agentes do tráfico, que nas palavras de Santos, seriam “qualquer um que, em Luanda, se disponibilizasse adentrar no sertão para resgatar a população cativa”⁸.

Pouco a pouco os panos africanos foram cedendo espaço aqueles que eram frutos das exportações. Tratando da inserção desses têxteis importados em detrimento dos panos locais na África Ocidental, centrando-se especificamente no caso do algodão, o historiador Joseph E. Inikori⁹ comenta que as trocas diretas dos têxteis importados pelos cativos tiveram efeitos de longo alcance no desenvolvimento da produção desse tipo de tecido nessa parte da África; elas inibiram o crescimento do comércio, o processo de comercialização e o crescimento da demanda por panos de algodão locais. Portanto, é possível que haja uma analogia entre o que se passou na África Ocidental e os efeitos do comércio atlântico de escravos na região do Congo e Angola.

Vale ressaltar também o papel dos chefes locais na popularização dos têxteis importados na África Centro Ocidental; como esses demonstraram preferência pelos mesmos,

⁴SILVA, Luciane da. *Trilhas e tramas: Percursos insuspeitos dos tecidos industrializados do continente africano A experiência da África oriental*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Antropologia Social). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008, p. 57.

⁵SANTOS, Telma Gonçalves. *Comércio de tecidos europeus e asiáticos na África centro-ocidental: fraudes e contrabandos no terceiro quartel do século XVIII*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História). Lisboa: Universidade de Lisboa, 2014, p. 12.

⁶BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 2v, p. 404.

⁷Cesta de mercadorias composta de produtos de origens diversas, utilizados na comercialização de escravizados.

⁸SANTOS, op. cit, p. 28.

⁹INIKORI, Joseph E. *English Versus Indian Cotton Textiles: The Impact of Imports on Cotton Textile Production in West Africa*. In: RIELLO, Giorgio; ROY, Tirthankar. *How India Clothed the World: The World of South Asian Textiles, 1500-1830*. Leiden: BRILL, 2009, p. 114.

a produção e consumo dos tecidos propriamente africanos caíram, levando os panos importados a adentrar todo o tecido social africano. Em seu relato, Cadornega¹⁰ aponta que reis, príncipes e senhores do reino de Angola utilizavam ricos panos de seda e ouro adotados, sobretudo, após a entrada dos portugueses na região.

No que se refere às fontes utilizadas nesse trabalho, destacam-se o relato de dois cronistas e uma coletânea de documentos coligidos em diversos fundos sobre a história da África. A primeira delas, **A Descrição Histórica dos Três Reinos do Congo, Matamba e Angola** foi escrita pelo missionário capuchinho italiano, João António Cavazzi, entre os anos de 1669 e 1671. Segundo Oliveira:

Ele [Cavazzi] esteve em Angola em dois momentos. O primeiro período compreendeu os anos de 1654 a 1667, e o segundo entre 1673 a 1676. Em ambas as ocasiões, Cavazzi atuou como missionário na evangelização dos povos daquelas regiões. Foi a partir dessa larga experiência no continente africano que a Sagrada Congregação da Propaganda Fide — instituição papal responsável pelas missões no ultramar — solicitou que o capuchinho escrevesse sobre o avanço da fé católica naquele território.¹¹

A segunda crônica utilizada foi **A História Geral das Guerras Angolanas**, do burocrata e militar português António de Oliveira de Cadornega. O mesmo partiu para África no período da Inquisição devido a sua origem judaica. Sobre a produção de sua obra, Ingrid de Oliveira, traz que:

Partindo de Portugal como soldado, [Cadornega] chegou a Luanda no ano de 1639 e permaneceu no continente africano até o fim de sua vida, por volta de 1690. Apesar de ter vivido por mais de 50 anos em Angola, seu texto não foi fruto de nenhuma solicitação — como o discurso de Cavazzi — e sim uma iniciativa própria, que dedicou ao monarca português¹²

Apesar das obras de Cavazzi e Cadornega buscarem descrever respectivamente a atuação das missões religiosas na África Centro-Ocidental e as ações portuguesas no território angolano, ambas trouxeram informações importantes no que concerne ao uso dos têxteis importados, que serviram a pesquisa.

Por último, foi utilizada a **Monumenta Missionária Africana**, que abrange uma vasta documentação sobre a História da África em diversos períodos, contendo documentos também

¹⁰ CADORNEGA, Antonio de Oliveira de. *História Geral das Guerras Angolanas*. Lisboa: Agência-geral do Ultramar, 1972. V. 3, p. 230.

¹¹ OLIVEIRA, Ingrid Silva de. Cavazzi e Cadornega: entre semelhanças e diferenças na escrita da história da África Centro-Ocidental (século XVII). In: *ANAIS do XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO: Memória e Patrimônio*. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: <www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276647215_ARQUIVO_ArtigoparaAnpuh.IngridOliveira.pdf>, p. 419.

¹² OLIVEIRA, op .cit, p. 419.

de interesse do presente trabalho. Toda a documentação foi coletada pelo Padre António Brásio e publicada em quinze volumes ao longo do século XX.

Através dos dados coletados foi possível considerar que a utilização de panos importados na África Centro-Occidental se deu em diversos contextos. No continente africano, desde muito tempo, os tecidos foram objetos apropriados e reapropriados com significações diversas pelas diferentes sociedades que ali viviam; foram e ainda são formas de linguagem para comunicação e transmissão de diversas informações. As vestimentas feitas de tecidos importados eram usadas como símbolo de distinção social. Leiris e Delange¹³ são enfáticos ao falar que para esses povos, bem como em outras culturas, o prestígio deveria se expressar materialmente, a riqueza só teria sentido em razão dos tesouros possuídos. Enquanto a maioria dos nativos de segmento populares utilizavam apenas tangas de pano local e outros muitos se vestiam com roupas feitas de cascas e folhas de árvores da região, os senhores, duques, reis e pessoas ricas em geral se apresentavam com roupas de tecidos refinados, em geral frutos da importação para comércio de escravos. De acordo com Cavazzi “As riquezas que os senhores ostentam consistem em panos europeus (...)”¹⁴, e, ainda, Vansina¹⁵ menciona essa aquisição de tecidos estrangeiros como forma da nobreza se distinguir socialmente. Conforme aponta Robert DuPlessis¹⁶, tais têxteis foram importados da Ásia e Europa em grande quantidade para a África Ocidental e Américas, e compuseram a vestimenta de pessoas de diversos estratos sociais, sobretudo nas Américas, pois mesmo os escravos usavam roupas de tecidos importados nas missas e em datas especiais.

Tanto na **Monumenta Missionária Africana**, quanto na obra de Cavazzi foram destacados o luxo nas vestimentas de reis do Congo. No documento “Relação do Bispo do Congo a El-Rei”¹⁷ de 1619, escrito pelo bispo D. Manuel Batista Soares, são citadas túnicas turcas chamadas *cabaias*, cintos grossos chamados *empondas*, fatos, barretes, mantas de escarlata, tabardos de veludo ou damasco, que eram uma espécie de casaco com mangas e capuz, meias de seda e peças de roupa cumpridas, que os reis utilizavam. Já Cavazzi, em sua, **Descrição Histórica dos Três Reinos do Congo, Matamba e Angola**¹⁸, faz longa descrição das vestimentas, não só dos reis, mas também da nobreza que o cercava, destacando que aos

¹³ LEIRIS, Michel; DELANGE, Jacqueline. El Mosaico Congoleño. In: LEIRIS, Michel; DELANGE, Jacqueline. *Africa Negra: La Creación Plástica*. Madrid: Aguilar, 1967, p. 338.

¹⁴ CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, Pe. Giovanni Antonio. *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965, p. 159.

¹⁵ VANSINA, Jan. O Reino do Congo e seus vizinhos. In: OGOT, Bethwell A. *História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII* (Ed.). Brasília: UNESCO, 2010, p. 659-660.

¹⁶ DUPLESSIS, op. cit, p. 49.

¹⁷ BRÁSIO, António. *Monumenta Missionária Africana*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1954, p. 377.

¹⁸ CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, op. cit, p. 167.

príncipes e grandes do reino era permitido o uso de barretes e tabardos – espécie de casaco –, considerado um privilégio, visto que, tais roupas também eram utilizadas pelo rei.

A documentação também permitiu descrever o luxo com que se vestiam os reis do Congo nas suas saídas em público, bem como alguns daqueles que o acompanhavam. “A Relação do Bispo do Congo a El-Rei”¹⁹, apresenta ainda um relato da ida de D. Álvaro III à igreja acompanhando de grande comitiva, mas é em Cavazzi²⁰, que se encontra uma descrição mais detalhada: nessas ocasiões, o rei era acompanhado por escudeiros de sangue nobre, que portavam bastões cobertos de veludo vermelho; fazia parte também o pajem, portando o guarda-sol de damasco carmesim. O rei portava ainda almofadas de veludo que lhe serviriam para se colocar de joelhos na igreja.

O documento “Descrição da Batalha de Ambuíla”²¹ de autoria desconhecida, constante na MMA, do ano de 1665, fala dos despojos deixados pelo rei do Congo Antonio I, havia tecidos de grande valor chamados *bondos*, *cumbes*, *borcados*, além de telas, damasco e veludo, todos tecidos importados, mostrando que os têxteis compunham parte do tesouro dos reis africanos.

Em um dos trechos de seu relato, Cavazzi diz o seguinte:

O rei do Congo (...) veste com decoro e magnificência. Está bem abastecido, quer em qualidade, quer em quantidade, de fatos, perólas e de jóias e costuma mudar frequentemente as alfaias (...). Cobre a cabeça com um barrete branco, matizado com arabescos e flores de seda, à maneira dos mouros, e usa sobre o barrete um chapéu preto, rodeado por rica e preciosa coroa real. Veste uma camisa e sobre os ombros tem uma manta de escarlata ou outro pano nobre, rendado a ouro e a prata. Ata aos lombos uma peça de roupa mais comprida por trás, à maneira de cauda, riquíssima e lindíssima. Usa calçados brancos com botões de ouro ou alguma gema preciosa. Usa meias de seda e tem nas pernas, no pescoço e nos braços argolas e colares de corais ou de pérolas com correntinhas de ouro, muito bonitas e de grande valor. Pendente do pescoço tem também uma cruz com muitas relíquias, como sinais da fé professada.²²

Como duas das principais fontes do trabalho foram escritas e coletadas por religiosos, nota-se uma preocupação dos mesmos em destacar o trabalho missionário realizado em Angola, Congo e nos reinos vizinhos, o que forneceu a descrição do uso de tecidos importados tanto como adorno de igrejas católicas quanto em rituais de religiões locais.

Jan Vansina²³ explica como se deu o processo de cristianização em áreas do Congo e Angola: Afonso I, rei do Congo, era cristão desde 1491 e fez desta religião do Estado. Tal

¹⁹BRÁSIO, op .cit, 1954, p. 377.

²⁰CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, op . cit, p. 228.

²¹ BRÁSIO, op . cit, 1981, p. 579

²² CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, op . cit, p. 166-167.

²³VANSINA, op . cit, p. 657.

conversão resultou de um interesse político. Desde o princípio, Afonso I percebeu a associação entre a fé cristã e poder, o próprio ato de batismo foi reservado inicialmente aos grandes do reino, determinando uma certa hierarquia e acentuando as desigualdades entre a nobreza e os demais moradores do Congo. Para além disso, o rei notou as vantagens de estabelecer laços com Portugal por meio do cristianismo, foi com a ajuda de portugueses que Afonso I passou a explorar o cobre existente no norte do Congo, permitindo ao rei aumentar sua riqueza e conquistar o apoio de pessoas importantes do reino. Em suma, o cristianismo foi utilizado pelo rei do Congo como meio de consolidar e fortalecer suas posições políticas na região.

A cultura do vestir, aliás, também foi fortemente marcada pelo cristianismo no Congo; a exemplo disso, Fromont²⁴ menciona o conde de Soyo, que utilizava, para além de panos luxuosos e importados, um casaco com insígnias da Ordem de Cristo, que a autora coloca como sendo derivados de uma imagem europeia de nobreza e prestígio. Ainda segundo a autora, essas práticas artísticas e insígnias políticas funcionavam como espaços de correlação através dos quais os homens e as mulheres de maior prestígio no Congo reformulavam materiais locais e estrangeiros, idéias antigas e novas de luxo e emblemas de poder nas expressões visuais e simbólicas de status no Congo cristão.

Alguns documentos coletados por Brásio mencionam a conversão de africanos. O documento “Carta do Padre Manuel Ribeiro Sobre a Missão de 1672-1673”²⁵, de 1674, fala da conversão da rainha Jinga em meados do século XVII, que logo recebeu de presente uma *veronica*, pano de seda com a imagem de Cristo estampada. Já o documento “Carta do Padre Jerônimo Vogado ao Geral”²⁶, de 1620, também coletado por Brásio, relata a utilização de panos de veludo na armação de uma Igreja Católica em Benguela.

A utilização de panos importados, porém, não se restringia apenas a cultos católicos. Na MMA, o documento “Carta do Padre Pedro Tavares ao Reitor do Colégio de Luanda”, de 1631, relata a utilização de um fino pano de seda usado em ídolo num culto dos gentios em Luanda. Segundo o relato:

De repente dêmos num grande terreiro muito limpo, no meio do qual estauaõ quatro tangedores festejando hú Ídolo que tinhaõ no chaõ, posto sobre hú fino pano de seda, cÕ hús chocalhos e huã campainha; estariaõ por entãõ no terreiro cousa de mil

²⁴ FROMONT, Cécile. *The Art of Conversion: Christian Visual Culture in the Kingdom of Kongo*. Williamsburg: Omohundro Institute of Early American History and Culture, 2014, p. 104.

²⁵ BRÁSIO, op . cit, 1982, p. 248

²⁶BRÁSIO, op . cit,1955, p. 512.

gentios, todos estirados e untados pelo rosto e corpo com varias castas de eruas, que pareciaõ diabos, pedindo agoa ao idolo.²⁷

Cavazzi²⁸ também narrou algumas ocasiões nas quais presenciou culto de locais com uso de panos importados: numa delas os panos foram usados para aplacar a fúria de um demônio que estaria causando a peste no Congo em 1655. Mais adiante, Cavazzi²⁹ relata também o uso de panos europeus em sacrifícios praticados pelos Jagas, em homenagem a seus príncipes, capitães e senhores.

Por fim, as fontes também mencionam a utilização de panos importados em cerimônias ligadas a morte e enterros. A **Descrição Histórica dos Três Reinos do Congo, Matamba e Angola**, de Cavazzi, detalha uma série de vestimentas que se utilizavam para demonstrar o luto e de tecidos importados que eram utilizados para adornar túmulos e caixões³⁰. Tal costume nasce a partir do momento em que alguns crucifixos passaram a representar um Cristo envolto em têxteis; as pessoas de prestígio, do mesmo modo passaram a adquirir tecidos de luxo nos quais seriam envoltas no momento de sua morte; não só isso, mas os próprios crucifixos passaram a ser envoltos em tecidos também. Segundo Cavazzi: “Os pobres cobriam os caixões com esteiras da região, que não são más. Os ricos, porém, cobrem-no com um pano preto”³¹, ainda de acordo com o mesmo autor, tal era a importância de se colocar panos sobre os caixões, que aqueles mais pobres se viam obrigados a pedi-los como esmolas. Cavazzi³² narra ainda que entre aqueles que ainda não haviam experimentado a fé católica, havia o costume de se enterrar tecidos europeus junto dos falecidos, haja vista que estes eram mais apreciados que os locais; isso se faria como uma forma de demonstrar dor por aquela perda. Partindo para a descrição das vestimentas, Cavazzi³³, coloca que havia um barrete de luto, utilizado pelo rei do Congo para que os súditos lhe prestassem condolências, quando este perdia algum ente. As mulheres de Luanda e São Salvador (capital do Congo) também usavam barretes pretos.

Sendo o vestir uma das principais formas de utilização dos tecidos, é preciso que se considere que esse ato envolve todo o processo de obtenção, manufatura e preparação dos itens da vestimenta, bem como doar, guardar ou manter itens de vestimenta. “Além de

²⁷BRÁSIO, op . cit, 1960, p. 74.

²⁸CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, op . cit, p. 117.

²⁹CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, op . cit, p. 194.

³⁰CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, op . cit, p. 124

³¹CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, op . cit, p. 124

³²CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, op . cit, p. 125.

³³CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, op . cit, p. 131.

necessária, a vestimenta é simbólica. Os tecidos tornam-se signos em si mesmos, discursos completos de formas de conceber o mundo”.³⁴

Os tecidos desempenharam importantes papéis na vida cotidiana das populações africanas pela possibilidade de simbolizar a ordem social e estarem associados a ações e comunicações que dinamizam relações rituais, de gênero, políticas, entre outras.

Ao longo do tempo, os tecidos na África Centro-Occidental foram ganhando dimensão social, sendo indicadores de status, riqueza, identidades étnicas e de gênero dos indivíduos nas diversas sociedades. Tornaram-se também elementos fundantes para os estudos culturais, dada sua universalidade e mobilidade, circulando pelas culturas e servindo como veículo de transmissão de ideias e mensagens sociais.

Considerações Finais

Os têxteis também contam a história da África Pré-colonial, dada sua importância e seus usos por esses povos no período. Igualmente, se constituíram em elementos essenciais para a construção das identidades africanas.

Na realidade do uso dos têxteis na África, as roupas dos indivíduos formam teias de relações e tensões sociais e políticas. São diversos os signos e emblemas ligados à forma de se vestir entre os africanos, o tipo de roupa ou estampa, por exemplo, podem expressar mensagens específicas que podem ser compreendidas na coletividade. O poder desses objetos têxteis reside justamente nessa capacidade de expressar uma linguagem cotidiana e se associar às estruturas sociais.

Foi elemento fundante na construção da identidade negra, as trocas culturais que se deram por meio do Atlântico; essas permitiram experiências de desenraizamento, deslocamento e criação cultural. E os tecidos importados passaram a constituir importantes marcas de identidade no continente.

Referências

Livros

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 2v.

FROMONT, Cécile. *The Art of Conversion: Christian Visual Culture in the Kingdom of Kongo*. Williamsburg: Omohundro Institute of Early American History and Culture, 2014. 328 p.

³⁴SILVA, op . cit, p. 58.

Capítulos

INIKORI, Joseph E. English *Versus* Indian Cotton Textiles: The Impact of Imports on Cotton Textile Production in West Africa. In: RIELLO, Giorgio; ROY, Tirthankar. *How India Clothed the World: The World of South Asian Textiles, 1500-1830*. Leiden: BRILL, 2009, p. 85 – 114.

LEIRIS, Michel; DELANGE, Jacqueline. El Mosaico Congoleño. In: LEIRIS, Michel; DELANGE, Jacqueline. *Africa Negra: La Creación Plástica*. Madrid: Aguilar, 1967, p. 325-360.

VANSINA, Jan. O Reino do Congo e seus vizinhos. In: OGOT, Bethwell A. *História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII* (Ed.). Brasília: UNESCO, 2010. p.647 – 695.

Periódicos

DUPLESSIS, Robert. Mercadorias globais, consumidores locais: têxteis no mundo atlântico nos séculos XVII e XVIII. *Afro-Ásia*, Salvador, v. 41, 2010, p. 9 – 55.

VOGT, John. Notes on the Portuguese Cloth Trade in West Africa, 1480-1540. *The International Journal of African Historical Studies*, Boston, v. 8, 1975, p. 623-651.

Anais

OLIVEIRA, Ingrid Silva de. Cavazzi e Cadornega: entre semelhanças e diferenças na escrita da história da África Centro-Occidental (século XVII). In: *ANAIS do XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO: Memória e Patrimônio*. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: <www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276647215_ARQUIVO_ArtigoparaAnpuh.IngridOliveira.pdf>.

Dissertações

SANTOS, Telma Gonçalves. *Comércio de tecidos europeus e asiáticos na África centro-occidental: fraudes e contrabandos no terceiro quartel do século XVIII*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História). Lisboa: Universidade de Lisboa, 2014.

SILVA, Luciane da. *Trilhas e tramas: Percursos insuspeitos dos tecidos industrializados do continente africano*. A experiência da África oriental. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Antropologia Social). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

Fontes

BRÁSIO, António. *Monumenta Missionária Africana*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, v. I – XV.

CADORNEGA, Antonio de Oliveira de. *História Geral das Guerras Angolanas*. Lisboa: Agência-geral do Ultramar, 1972, v. 3.

CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, Pe. Giovanni Antonio. *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965, v. I – II.